

Instituto Pan-americano de educação

Curso de educação especial com ênfase em Libras e surdocegueira

“O ensino aprendizagem da língua portuguesa como L2 para surdos e surdocegos; uma reflexão necessária no processo de formação do professor.” Deise Maria Gonçalves Paula.

Resumo

Este artigo tem como principal objetivo apresentar as dificuldades dos professores das escolas inclusivas no processo de ensino/aprendizado da aquisição da escrita e leitura pelo surdo e surdocego, através da Língua Portuguesa como L2 em escolas inclusivas.

Referem-se, ainda, às causas que teremos para solucionar e os objetivos a alcançarmos com o estudante luso-sinalizante, a ter a oportunidade de optar e conhecer o estudo formal da língua portuguesa, organizar situações de aprendizagem que lhe possibilite a compreensão e a produção de sentenças com estruturas simples em língua portuguesa, por meio de diálogo e do conhecimento das estruturas básicas de compreensão e produção escrita, código Braille, Libras tátil e sinalizadas, em contextos reais, contribuindo para o enriquecimento intelectual dos alunos, permitindo-os efetuar estudos mais complexos e melhor prepará-los na consolidação de sua aprendizagem.

Uma reflexão necessária no processo de formação do professor ao tentarmos formar bons leitores numa proposta inclusiva, voltada para as teorias do bilinguismo e do interacionismo, contribuindo para uma qualidade de vida independente das pessoas com deficiência. Crianças letradas e alfabetizadas, lendo melhor, escreverão com mais qualidade e criticidade, sendo grandes profissionais no futuro.

Palavras-chaves: Faculdades; Surdos; Surdocegos; Escolas Inclusivas; Formação do Professor.

Introdução

Ao longo dos anos, a educação vem buscando desenvolver nos alunos ditos “normais” as competências da leitura e da escrita, o que é indispensável para vivermos num mundo, no qual o acesso às informações é cada vez mais rápido e a nossa participação como cidadãos, mais exigente.

São muitas as dificuldades enfrentadas em busca da leitura, e se tratando de pessoa surda e surdocega pós-simbólica, essa "dificuldade" é ainda maior, porém todo cidadão deve desenvolver o hábito de ler.

A pesquisa busca apontar várias causas responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem e leitura, além de favorecer um embasamento teórico sobre o que são as dificuldades de aprendizagem e o que a escola e o professor podem ajudar neste processo. No decorrer dessa pesquisa iremos encontrar vários fatores que indicam algumas dessas dificuldades; para tanto, o professor deve estar atento. Para isso, busquei algumas respostas para as indagações que julgo necessárias, tais como:

O que toda escola de qualidade deve ter para contemplar um currículo que beneficie a todos os alunos?

- Segundo Jackson (2005), ser flexível para que responda à diversidade dos alunos.
- Ser organizado de modo a que os conteúdos curriculares sejam adequados às capacidades dos alunos.
- Criar condições para que cada aluno possa envolver-se ativamente no processo de aprendizagem.

O que todo professor pode fazer com o auxílio do tradutor-intérprete de Libras e/ ou guia-intérprete?

- Estimular o gosto pela leitura através de livros bem-ilustrados e/ou em alto relevo.
- Fazer perguntas e discutir o que foi lido e esperar o surdo e o surdocego exporem suas ideias.
- Avaliar o aprendizado da escrita na gramática de Libras ou no código de Braille e posteriormente em L2.
- Mostrar a importância do vocabulário específico.
- Incentivar a autocorreção na língua portuguesa dos textos escritos.
- Treinar a habilidade de organizar ideias e pequenas sentenças de maneira sequencial.

Conceituando Alfabetização – Em seu resumo restrito serve para designar o aprendizado inicial da leitura e da escrita, da natureza e do funcionamento da escrita. (Pró-letramento, 2007)

Conceituando Letramento – É o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais é o estado ou condições que o grupo social ou um indivíduo com consequência de ter apropriado da língua escrita e de ter-se inserido no mundo organizado diferentemente: A cultura escrita. (Pró- letramento, 2007)

Conceituando Leitura - O desenvolvimento da habilidade de leitura está ligada ao desenvolvimento das habilidades de comunicação oral e escrita. Esta última evolui dos primeiros rabiscos para uma forma de registro do pensamento organizado e intencional. (Saberes e práticas da inclusão, 2003)

Conceituando Linguagem oral - As atividades de linguagem oral têm como objetivo levar as crianças a interpretar o que ouvem. Responderem de maneira lógica o que lhes é perguntado e desenvolver o pensamento lógico e a sua expressão. (Saberes e práticas da inclusão, 2003)

Conceituando Escrita - A língua é um sistema que se estrutura no uso e para o uso escrito e falado sempre contextualizado. (Pró-letramento, 2007)

As Dificuldades de Formar Bons Leitores em L2

Segundo Alberto Manguel, em Uma História da leitura (1996), chama a atenção para o fato de que a leitura não está restrita às letras impressas em página de papel.

No ensino da leitura deve-se trabalhar a representação fonológica da palavra e pouco a pouco se deve introduzir a criança na aprendizagem de uma representação visual da palavra que se dá com a prática leitora e com o letramento, articulando as vias fonológicas e lexicais, equilibrando aspectos sintáticos e semânticos, desenvolvendo a compreensão e a capacitação da interpretação.

Partindo do ponto de vista que a leitura vem da representação fonológica da palavra (como foi citado acima), como podemos impor ao aluno surdo ou surdocego a compreensão exata do que se lê? Daí percebo a dificuldade de eles adquirirem sua aprendizagem e serem alfabetizados em tempo real de escolarização dos ouvintes, e isso faz com que os surdos se tornem pessoas com déficit de aprendizagem maior e, partindo para a comparação ao surdocego, a defasagem é ainda maior em relação às demais deficiências.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o desempenho de leitura entre 129 alunos surdos e ouvintes do ensino fundamental de escola pública e o julgamento dos professores de língua portuguesa sobre estas habilidades. Foram encontradas correlações significativas entre o desempenho dos alunos surdos em relação a textos lidos e expressos seus entendimentos através dos sinais e a percepção do professor sobre essas habilidades. A avaliação do professor sobre a competência em leitura do aluno

ao final do bimestre mostrou-se um fator sensível na determinação de diferenças de desempenho dos alunos. O estudo sugere que o professor tenha um conhecimento que o habilite a classificar as habilidades de leitura de seus alunos de forma a relacioná-la ao desempenho de cada um, com suas particularidades e limitações, do ponto de vista da avaliação com base na psicologia cognitiva.

O livro "Letramento Literário" sugere ao professor que ele tenha um conhecimento sobre Letramento Literário e que enfoque bastante o compromisso do docente perante a motivação de levar a leitura até aos seus alunos, deixando claro que não é só ler e pronto, é preciso entender a leitura e expô-la ao professor. Também relata as causas de alguns fracassos escolares e para isso sugere uma capacitação, a fim de dar resultados futuros para que possamos ter um ensino diferenciado voltado para a proposta de inclusão através da metodologia do bilinguismo.

Para romper com essas práticas e concepções que pouco têm a ver com o Letramento Literário, propomos antes de qualquer coisa que o professor tome a literatura e/ou a língua portuguesa como experiência e não um conteúdo a ser avaliado. Segundo o autor Rildo Cosson, em seu livro Letramento Literário, quatro passos básicos são necessários para uma boa leitura na escola: Motivação, Introdução, Leitura, Interpretação e antecipação (particularmente acrescentaria).

Trabalhando antecipação, estimulação, motivação, leitura voltada para todos os tipos de comunicação respeitando o tempo de cada um para percepção da leitura e interpretação, seguindo uma sequência. O professor aplica cada uma dessas habilidades em sala de aula, ele estará dando possibilidade ao aluno desenvolver sua capacidade de leitura e, conseqüentemente, conseguirá atingir o processo de escrita.

Ao sair em campo e pesquisar in loco a unidade de ensino fundamental, a fim de colher dados quanto às dificuldades de leitura em sala de aula, cerca de 129 alunos foram entrevistados sendo 100 ouvintes e 29 surdos e nenhum surdocego, 04 docentes e 01 (uma) coordenadora. Ficou claro que falta muito para que o aluno desperte o seu interesse pela leitura sem ajuda. É preciso fazer mais, ou seja, trazer essa vontade para dentro do aluno.

Ex.: Falta ampliação na infraestrutura da escola como: Acessibilidade, biblioteca com qualidade em seus acervos, livros bem-ilustrados, sala de A.V.D. (atividades de vida diária), sala multifuncional, laboratórios de informática para serem explorados frequentemente pelos alunos, recursos visuais para as aulas expositivas e, até

mesmo, professores qualificados e com visão de mudanças metodológicas.

A cada grupo de cinco alunos surdos entrevistados na referida escola, dois responderam "ler? desculpa, eu não - gostar", outros disseram "gostar-ler, mas difícil", "palavras português difícil, significado não-entender". Para alguns surdos que gostam de ler jornais, revista etc. é muito difícil a compreensão dos significados da palavra na língua portuguesa. E, para cada vinte alunos ouvintes entrevistados na referida escola, quinze não gostam de ler. Respostas como: "não gosto de ler", "é chato", "perco meu tempo", "prefiro Internet" são muito comuns, acabam por ser a maioria, quanto ao aluno surdocego infelizmente não consegui entrevistar nenhum, pois os três alunos dos quais tenho conhecimento na cidade, estão em processo de pré-simbólico e ainda não estão alfabetizado para responder a esses questionários. Mas voltando para a área da educação, em geral é vergonhoso, pois embora com toda a limitação e compreensão dos surdos para adquirirem os significados das palavras, ainda suas resposta tendem ser a maioria a favor da leitura, o que precisamos é de professor comprometido com o ensino/aprendizado dos alunos. Baseado nisso, percebemos esse gráfico abaixo:

A seguir, podemos observar a opinião e o depoimento da escritora e presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), Dr^a. Karin Strobel, em relação a sua vida escolar no processo de alfabetização e construção da leitura.

Pergunta: "O que falta hoje para que a escola regular consiga alfabetizar e atender crianças surdas durante toda sua escolarização?"

Temos casos diferentes de crianças surdas. Há crianças surdas cuja língua prioritária é a de sinais, que se adaptam melhor em escolas bilíngues (língua de sinais e língua portuguesa), junto aos seus colegas surdos e/ou ouvintes usuários de língua de sinais e professores bilíngues.

Em contrapartida, há crianças com perda auditiva leve ou moderada que se adaptam em escolas regulares com apoio pedagógico. Estas crianças se comunicam em língua portuguesa porque perderam a audição tardiamente e por diversos outros motivos. É importante refletir estes questionamentos: como alfabetizar as crianças surdas na escola regular, se no Brasil a aquisição do português escrito por crianças surdas está baseada no ensino do português para crianças ouvintes, que adquirem o português falado de forma natural? Que papel dar à língua de sinais em relação às atividades de leitura e de escrita das crianças surdas?

A criança ouvinte já possui uma fluência da língua portuguesa oral, devido à conversação cotidiana com a família e o ambiente social. Assim, ela pode ser ensinada a transferir estes conhecimentos para a leitura escrita na escola. Já a criança surda não chega à escola com as mesmas desenvolvimentos de formação gramatical, vocabulário e conhecimento de mundo como as ouvintes. Ou seja, chegam à escola sem uma base linguística porque a maioria das famílias são ouvintes, não têm fluência em Libras e têm pouca experiência em práticas sociais de leitura e escrita de língua portuguesa.

Além disso, na maioria dos casos, as escolas inclusivas ensinam a estrutura linguística da língua oral, a leitura e escrita na cultura ouvinte. Algumas escolas regulares acreditam que resolvem os problemas de inclusão de pessoas surdas colocando somente os intérpretes de língua de sinais/língua portuguesa em salas de aulas. No entanto, a língua de sinais está sendo utilizada mais como uma língua de tradução de conteúdos em sala de aula do que como uma língua que produza significados com práticas discursivas, que produza e transmita cultura. Esta estratégia artificial leva ao desenvolvimento de pessoas surdas excelentes copistas, com dificuldade de compreensão na leitura e interpretação de texto. Para alfabetizar crianças surdas é preciso adotar algumas estratégias complementares, que diz respeito à compreensão das palavras e sua composição e à produção da escrita da língua portuguesa visual, isto é, na cultura surda. Diversos autores, tais como Ronice Quadros e Lodenir Karnopp, entre outros, sugerem imersão em textos em língua de sinais como prática discursiva dando suposições de como funciona a escrita de língua portuguesa.

Os autores comentam que o acesso à leitura e escrita pela criança surda teria duas "chaves preciosas": o relato de histórias e a produção de literatura infantil em sinais, através da utilização de DVDs em língua de sinais, contação de histórias por adultos surdos, teatros etc. O papel do professor na sala de aula inclusiva é de extrema importância para o aprendizado-significativo do aluno surdo, através do uso de metodologias adequadas à sua realidade. Entretanto, uma grande parte dos professores nem sequer conhece ou ouviu falar da língua de sinais, o que dificulta ainda mais o processo satisfatório da inclusão dos surdos.

Pergunta: "Qual a importância de Libras na educação de surdos?"

A aquisição de Libras como língua prioritária possibilita a estruturação do pensamento e da cognição e fluente interação social à criança surda e, também, maior rapidez e naturalidade na exposição de seus sentimentos, desejos e necessidades, desde a mais tenra idade. Acredito que a Libras é uma porta para o mundo dos

surdos e para os ouvintes, pois a pessoa surda necessita de intérpretes, família, amigos e professores que os entendam.

Pergunta: “O que o contato com Libras trouxe para sua vida?”

O contato com Libras me abriu muitas portas para o mundo e me permitiu construir a minha identidade, não só como surda, mas como Karin! Tenho poucas lembranças da minha inclusão em escola de ouvintes, me recordo de algumas pessoas que me magoaram, mas de poucas pessoas que realmente me valorizaram.

Por exemplo, havia uma freira professora, na primeira série do curso primário que, sabendo da minha dificuldade com relação à língua portuguesa, dava atividades para o resto da turma, sentava-me no seu colo e pacientemente me ensinava através de gestos e desenhos os símbolos da escrita. Aprendi muita coisa com ela e não me esqueço da solidariedade dela por mim. Desde muito nova tenho lutado por meus ideais, estudei em muitas escolas inclusivas e não me envergonho de dizer que reprovei várias vezes – não por preguiça e sim por dificuldades de adaptação à cultura ouvinte. Por exemplo: na minha fase de alfabetização em escola de ouvintes, a professora mostrava figuras de alface, avião e abacaxi e comparava-as com a letra ‘a’. Eu não entendia essas comparações, pois não encontrava a letra ‘a’ nas figuras e apenas via as imagens dos desenhos. Olhava, olhava e ficava confusa porque na cultura ouvinte, nessas escolas, os professores ensinavam a língua portuguesa em associação aos sons. Outra situação semelhante: nos textos tínhamos de perceber as palavras oxítonas, paroxítonas etc.

Eu, surda, como vou perceber qual sílaba é mais forte se não as escuto? E, pior ainda, ter que separar as palavras em sílabas? Também faziam várias brincadeiras da cultura ouvinte do tipo telefone-sem-fio e isso me fazia sentir um “peixe fora d’água”! Nas escolas de ouvintes que frequentei, o tratamento que recebia era orientado pelos especialistas da escola oralista para surdos. Mandavam que eu sentasse na frente para que fizesse leitura labial, o que eu detestava, porque perdia a visão global da sala e, ao mesmo tempo, neste local os professores me cobravam mais. Essa técnica de leitura labial, ou seja, “ler” a posição dos lábios e captar os movimentos dos lábios de alguém que está falando, só é útil quando o interlocutor formula as palavras de frente, com clareza e devagar. Além disso, a meu ver, a maioria dos surdos só consegue ler 20% da mensagem através da leitura labial, perdendo a maioria das informações. Geralmente os surdos “deduzem” as mensagens de leitura labial através do contexto dito. Geralmente, para estas escolas, a única forma dos surdos terem acesso aos conteúdos é por meio da leitura labial. Para ter uma boa leitura labial é necessário saber os conceitos das palavras e

a maioria dos surdos tem conhecimento de uma linguagem oral muito limitada. Eu, por exemplo, procurava ler os lábios e após uns 10 minutos os meus olhos ardiam, cansavam e eu desistia de prestar atenção nas aulas e ficava "olhando para a parede" (termo utilizado por mim para ilustrar quando a criança surda, estando excluída das informações sem compreender as aulas e atividades expostas, está alheia, passeando seu olhar para todos os lugares, tais como para as fisionomias das pessoas presentes, para o ambiente local, objetos e até através das janelas). Por isso, uso minhas próprias experiências da infância, não somente como aluna surda, mas como "ser surda", para lutar pelo povo surdo.

Temos o direito de escolher a nossa língua e de construir nossas identidades sem a imposição normalizadora da sociedade, que pretende que os sujeitos surdos sejam "normais", isto é, que falemos e ouçamos para que sejamos aceitos na vida social. Devemos aprender a língua portuguesa como língua estrangeira e com metodologia na cultura surda, isto é, aprender o português visual e não sonoro! Da mesma maneira, percebemos o posicionamento do escritor e presidente/fundador da Associação Gaúcha de pais e amigos dos surdocegos e deficiências múltiplas, do Rio Grande do Sul e especialista em educação especial, Alex Garcia em relação à inclusão da pessoa surdocega no ensino regular e sua alfabetização.

Pergunta: "A inclusão e as barreiras para o surdocego"

Acredito que para falar sobre educação inclusiva para os surdocegos, primeiramente devemos destacar duas questões específicas: O que é educação inclusiva e se esta satisfaz as necessidades específicas dos surdocegos. Sabemos que Inclusão significa que o sistema deve se adaptar às particularidades de cada pessoa. Sabemos que isso atualmente não acontece. Portanto, em tese, quanto mais específica e problemática for a condição apresentada por um surdocego, mais atrito irá causar para a modificação do sistema operante. De encontro a isso vem a característica de alguns surdocegos.

Alguns apresentam habilidades suficientes de compreensão, conseqüentemente de interação com o mundo circundante; para estes, o sistema pode ser modificado com inteligência e bom-senso, causando pouco atrito. Porém, para aqueles surdocegos que apresentam alto grau de comprometimento, que estão submersos em um mundo de isolamento que pode beirar características primitivas, para estes é inegável que a educação inclusiva, como se propõe atualmente inexistente. Mas por que falo em educação inclusiva como se propõe atualmente? Porque muitos intelectuais consideram que a inclusão acontece somente no seio do grupo e da classe escolar. Sinceramente, não acredito em

instâncias tão distantes como a participação de um surdocego, principalmente aqueles mais prejudicados, em uma classe escolar.

Destaco desta forma porque em muitas de minhas atuações como Educador no Estado do RS me deparei com surdocegos com características primitivas de desenvolvimento, trancados em quartos, vivendo uma vida que nem eles mesmos sabem que fazem parte. Assim, num primeiro momento é na inclusão familiar que devemos trabalhar para alguns surdocegos.

Pergunta: Como foi para um surdocego se formar em Educação e os preconceitos sofridos para estudar?

Posso garantir a todos que não foi nada fácil. As dificuldades começaram pelo problema mais lógico. Não escutar direito e não enxergar direito muitas vezes torna-se insuportável. Muitas pessoas pensam que apenas as perdas totais trazem complicações, mas é muito pelo contrário.

Perdas de qualquer intensidade podem ser muito mais penosas do que as totais e também devem ser consideradas altamente relativas, principalmente do ponto de vista psicossocial. Falar diretamente em minha formação, como consegui, que tipo de problemas enfrentei, seria descartar meu passado e todo o meu desenvolvimento como pessoa. Não posso apenas ver o resultado e esquecer o caminho, pois foi nesta trajetória que aprendi certas habilidades que ao chegar à universidade pude usá-las. Destaco aquilo que tudo que aprendi com meus pais e da própria vida. Nunca desistir seria a primeira ordem.

Não importa o quanto as coisas estão e são difíceis. Desistir seria depor as armas antes da luta. Eu posso perder, mas depois de ter tentado. Estar sempre firme, de cabeça erguida apesar dos olhares e das palavras preconceituosas seria a segunda ordem. Lembro-me muito bem de voltar da escola chorando e minha mãe perguntar o que houve. A resposta era sempre a mesma: As pessoas olham para mim e riem de mim. Minha mãe me pegava no colo e dizia que muitas pessoas iriam rir, olhar, apontar o dedo, sairiam do meu lado. Dizia que as pessoas são assim mesmo, o mundo é assim, mas que eu deveria sempre estar firme, sempre na luta, na caminhada.

Aprender a errar seria a terceira ordem. Por escutar e ver precariamente, foram poucas as vezes que pude prestar atenção nas aulas, ouvir as explicações dos professores, copiar a matéria. Para me sair bem, tive que aprender sozinho, e sozinho significa errar primeiro para depois acertar.

Assim consegui estudar e me graduar em Educação Especial, tendo sempre à frente estas três ordens. As dificuldades que tive

na universidade foram muitas e variadas. Mas acredito que o que mais me marcou foi a falta de valorização, consideração e respeito às minhas diferenças tanto pela parte dos colegas como dos professores.

Da parte dos docentes, eles afirmam que fazem de tudo para mudar este quadro, mas olhando por outro ângulo, sabemos que não há tanto interesse assim nessa mudança e que está longe para isso tornar uma realidade em nosso estado, pois todo esse enfoque se trata de mudanças de atitudes e sabemos que isso não se adquire com facilidade.

Considerações Finais

Quando as instituições de ensino, educadores e acadêmicos dos cursos de formação do professor fizerem uma reflexão pedagógica, ficará mais fácil analisar os fatores que levam o aluno a ter dificuldades no processo de aquisição da leitura/escrita dos alunos surdos e surdocegos, como da inclusão de uma maneira geral.

Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade: é ser um bom leitor, é conquistar o seu espaço e sua individualidade perante a sociedade.

Este teve o intuito de provocar os órgãos competentes sobre a importância e a necessidade de qualificação e compromisso dos nossos professores e instituições de ensino em tornar a leitura um hábito natural através de metodologia que abrange o desenvolvimento de todos os alunos, bem como tornar visível o quanto é importante levar a sério a leitura de textos variados com reflexão, a literatura através de uma visão política para a formação da criticidade dos alunos.

Referências Bibliográficas

- COSSON, Rildo. Letramento Literário. São Paulo: Contexto.
- ELIAS, MDC. De Emílio à Emília: A Trajetória da alfabetização. São Paulo: Scipione, 2000.
- MANGEL, Alberto. Uma História da Leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- Strobel, Prof. Dr.Karin (depoimento) A presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) avalia os avanços e as necessidades da educação de surdos no Brasil. Pró-Letramento Alfabetização e Linguagem. Programa de formação de professores das séries iniciais – 2007 Capacidade e Letramento/ Fascículo 1. Universidade Federal de Minas Gerais.

Saberes e práticas da inclusão. Dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações do processo de desenvolvimento, MEC-2003.

Alunos com múltiplas deficiências e surdocegueira – Organização da resposta educativa – MEC.

Garcia, Alex – Surdocegueira: Empírica e Científica.

Strobel, Prof^a. Dr. Karin - O Ensino de Língua Portuguesa Para Surdos.

Escola Pública Estadual e Municipal de Cuiabá – MT.

Revista Nova Escola. São Paulo: Ed. Abril.

Pesquisa na Internet: <http://www.google.com.br/>